

*Discurso na cerimônia de encerramento do  
XVII Encontro Nacional do Comércio Exterior.  
Centro de Convenções do Hotel Glória*

**RIO DE JANEIRO, RJ, 21 DE NOVEMBRO DE 1997**

*Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, meu companheiro Marcello Alencar; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Ministro Dornelles, que é o Ministro da Indústria e do Comércio; Ministro Malan; Demais ministros que estão aqui; Doutor Marcus Pratini, que é o nosso Presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil; Senhores premiados com o Destaque de Comércio Exterior; Senhores e Senhoras; Empresários e Empresárias; Estudantes de comércio exterior; Minhas amigas e meus amigos,*

Nada mais reconfortante para o Presidente da República, ao voltar aqui – como bem lembrou Pratini, porque aqui estive como Ministro do Exterior, em 93 –, que encontrar uma disposição ainda maior do que naquela época e ver que muito do que nós queríamos, naquela época, está sendo feito.

Nós avançamos. A prova mais concreta desse avanço é essa premiação. Eu observava – conheço muitos dos premiados, senão pessoalmente, de nome, sei das atividades – a variedade que aí havia. Grandes empresários, empresas multinacionais, pequenas empresas, médias em-

presas, empresas de serviços, empresas de publicações, empresas de produção de bens de consumo direto, enfim, de máquinas e, também, o serviço público.

E isso é importante: é o Serpro, é a Codevasf... Então, é um conjunto de atividades que se complementam e que mostram aquilo que é essencial, e é o que, realmente, me deixa cheio de alegria, ao voltar aqui.

Não só avançamos, mas nós temos confiança em nós próprios. E vamos avançar mais e mais, porque este país é formidável e vai continuar sendo um grande país, graças aos brasileiros e aqui, neste caso, ao esforço de tanta gente que antevê o futuro e que o transforma em presente.

Vocês são parte do que nós, em 93, achávamos que seria o futuro. Hoje, estamos aqui num presente que é da maior confiança na nossa capacidade exportadora.

O Doutor Pratini disse, de forma direta, aquilo que é essencial, ou seja, que exportação não pode servir como atividade apenas momentânea, para compensar o momento de dificuldade do mercado externo. Ou, até mesmo, para compensar ou para reafirmar a nossa capacidade de acertar as nossas contas no comércio exterior. Tudo isso é importante, mas não basta. Tem que ser visto como atividade contínua e fundamental no mundo moderno, porque é um mundo em que a produção se dissemina por toda a parte, em que têm que existir os entrecruzamentos de fluxos de produção, tem que existir, necessariamente, um acrescentamento constante do comércio exterior. E não é por acaso que a taxa de crescimento do comércio exterior, em nível mundial, vai mais depressa do que a taxa de crescimento de cada economia, em particular.

E nós estamos aí com um déficit, no Brasil. Nós temos um espaço. Déficit, por um lado e, por outro lado, um estímulo para que nós possamos exportar mais, porque há espaço para que nós possamos exportar mais.

O momento já chegou. Nós não estamos aqui para prometer que vamos fazer isso ou aquilo; nós estamos aqui para dizer que estamos juntos – Governo, empresários e povo –, porque o povo sabe, também, que é essencial gerar riqueza, gerar emprego para que nós possamos ter um país mais próspero.

E, quem sabe, talvez, as agruras momentâneas das turbulências que já foram referidas aqui – essa escassez de recursos, não se fala, só tem trilhões de dólares, que teriam desaparecido do comércio internacional, ou mesmo dos fluxos de capital, no mundo todo – não sejam uma oportunidade para nós irmos mais depressa nas nossas decisões sobre as exportações.

Vejam que o Congresso teve sensibilidade e foi mais depressa para atender àquilo que, aqui, foi mais uma vez reiterado e que reitero sempre que posso: a necessidade das nossas reformas.

Dizem que, nos ideogramas chineses, crise se representa por impasse e saída, por uma alternativa. Então, nós temos sempre que olhar o lado da alternativa, não só olhar o lado da crise. E o lado da alternativa, no caso brasileiro, é a continuidade de um esforço de exportação que gere progresso tecnológico, que gere emprego, que gere divisas e que gere essa vinculação, que hoje é essencial nessa economia globalizada, entre o Brasil e o resto do mundo.

É com esse espírito que venho aqui, para encerrar essa reunião, que sei, pelas informações que já obtive, foi muito frutífera. E o Doutor Pratini acabou de reiterar a importância das reuniões e também da presença de alguns setores do Governo, que esteve quase todo aqui, na sua área econômica, para manifestar o grande interesse que o Governo tem pela questão da exportação.

E, se me permitem – porque senão os que me ajudam a preparar as coisas que vou dizer ficam um pouco aborrecidos, porque eu nunca leio nada, mas sem ler, enfim –, de qualquer maneira, faço uma referência mais direta para mostrar que nós temos hoje, aqui no Brasil, já uma política de exportação. Nós precisamos é dar mais ênfase a ela. Mas nós não estamos partindo do ponto zero, nem estamos numa fase em que alguém se contenta com anúncios. Nós estamos numa fase em que nós temos que ir acumulando resultados do trabalho contínuo de um país que acredita que é importante exportar, de um governo que é sensível à exportação e de empresários que têm aquilo que lhes é próprio, que lhes é peculiar, que é a audácia e a capacidade de se aventurar por mercados nunca antes navegados para descobrir, aí, nichos de possibilidade de exportação.

No nosso caso, nós aperfeiçoamos várias linhas de financiamento de exportação, e os senhores sabem disso melhor do que eu – do Proex, da Finamex, etc.– e sabem também que houve um esforço grande para aquilo que os americanos conseguiram, segundo o Doutor Pratini – eu sempre sou cuidadoso – na sua Constituição, que já assegurou uma situação formidável aos americanos. Nós começamos a ter alguma coisa – e não está aqui o Ministro Kandir, mas o espírito dele está aqui – e todos vão se lembrar da isenção do ICMS nas exportações. Vão se lembrar, também, que fizemos isso de maneira deliberada para permitir que houvesse um grande apoio a toda essa questão das exportações. Também desoneramos as exportações de certos tributos como o PIS/Pasep e o Cofins e também estamos atualizando bastante a compensação tributária para que seja mais fácil ao exportador seguir no seu trabalho sem ser onerado por uma porção de tributos que não são justos, no caso da exportação.

Mas nós não paramos aí. Nós continuamos. Ainda, recentemente, e também o Doutor Pratini mencionou o fato, no momento mesmo em que nós estávamos tomando medidas que não são do agrado de ninguém, mas são necessárias – e o País entende que são necessárias, porque, sem elas, nós não estaríamos, hoje, com condições de estar com a confiança que temos neste país – nós estávamos, também, tomando medidas para fazer o fundo de garantia para promoção de competitividade, o fundo de aval, que vai ajudar, sobretudo, a pequena e a média empresas, que hoje vão ter condições de maior face, de mais direto acesso aos bancos, que terão menos riscos porque o Governo tem um fundo de aval para alavancar. Tem tanta gente alavancada que é melhor esquecer disso. Mas era preciso alavancar um pouco mais ainda a capacidade de financiamento. E, com esse fundo de aval, é possível que algumas empresas se arrisquem, ou os bancos se arrisquem, sem ter risco, porque o risco o fundo de aval assume.

Nós não paramos nessa matéria. Temos tido, também, um esforço grande no treinamento de pequenas e médias empresas para que elas possam ter inserção no comércio exterior. E nós, agora, através da utilização do Sebrae, cujo Presidente, que aqui está – o Presidente e os

Diretores aqui estão – se dispôs a, junto com a nossa fundação e com o Governo, organizar alguma coisa que é essencial, que é um estilo de presença permanente na promoção comercial do Brasil, com mais recursos, com mais agilidade, utilizando certamente os recursos do Itamaraty, utilizando o que existe no Ministério de Indústria e Comércio, mas com muito maior flexibilidade. E o começo que o Sebrae prometeu, de 50 milhões, e me disse que era o começo, já é alguma coisa de mais palpável, para que nós possamos ter a presença do produto brasileiro, da marca brasileira, no exterior. Isso é fundamental, vai dobrar logo isso aqui, isso é fundamental. Os aplausos são para o Sebrae.

Nós temos feito, ao mesmo tempo, treinamento de técnicos de gerenciamento de comércio exterior. Nós abrimos no serviço público uma carreira de pessoas específicas do comércio exterior. Ou seja, nós já estamos em marcha, aperfeiçoando este nosso país, para que ele possa avançar mais. Creio que essa agência de promoção das exportações, APEX, aqui logo se põe um nome assim, APEX, vai ajudar bastante o encaminhamento das nossas exportações.

E o que é fundamental: isso tudo vem sendo feito, como eu disse, há algum tempo. Nós criamos a Câmara de Comércio Exterior. Não está presente, hoje, aqui, o Ministro Clóvis Carvalho, mas os que trabalham perto do Governo sabem do seu empenho, juntamente com o de outros ministros, para colocá-la num diálogo permanente, para que se possam ver os vários ângulos da questão do comércio exterior e da exportação.

Só que, agora, nós estamos dando um passo a mais. Nós estamos, efetivamente, discutindo e assumindo um programa para permitir que possamos dobrar as nossas exportações. Num prazo curto, de quatro a cinco anos, vamos dobrá-las. Eu hesitei ao dizer isso, porque disse ao Ministro Malan que a taxa é de 14% por ano para chegar lá. E, com cuidado, nós vamos atribuir isso aos próprios empresários. Eles dizem que vão crescer 14% ao ano. O Governo vai aplaudir esse crescimento. O Governo estará junto dos senhores para que nós possamos, efetivamente, dobrar a nossa exportação num prazo razoável, o que não se faz com meta, apenas, nem com discurso encorajador. E por mais que os aplausos nos gratifiquem – a mim, certamente –, não são suficientes

para suprir o trabalho quotidiano. Para chegar lá, vamos ter que ajustar meta por meta, em cada setor exportador, examinar quais são as dificuldades específicas, porque as regras gerais nós já estamos dando. Mas não basta, nós vamos precisar detalhar. E o Ministro da Indústria e do Comércio, o Ministro da Fazenda, enfim, o conjunto do Governo, o Itamaraty, a Câmara de Comércio Exterior, vão estar juntos para ver quais são as necessidades efetivas de cada setor brasileiro, de produção, o que eles podem fazer para exportar e de que maneira nós vamos tomar as medidas cabíveis para que nós possamos atingir as metas que estamos desejosos de atingir e que vamos atingir.

É esse espírito que quero saudar, aqui, neste encontro. O espírito de um novo Brasil, de um Brasil que sabe que há borrascas, não é arrogante, mas também tem confiança, sabe que tem rumo, sabe que tem não só Governo, mas tem um povo que está disposto, que trabalha, que tem o que é essencial no mundo de hoje: a criatividade, a capacidade de antever e de organizar-se para chegar àquilo que foi antevisto como positivo e também a sabedoria para ver uma dificuldade e contorná-la, quando é necessário, ao bater de frente em cada dificuldade.

Vou repetir o que tenho dito nestes últimos dias, que eu ouvi do Vice-Presidente Marco Maciel e de que gostei, que é o seguinte: no Brasil, o otimista pode errar, mas o pessimista começa errando. E é verdade. De modo que eu nunca tenho uma atitude, diante do nosso país, de pessimismo. Não é de irrealismo. Otimismo não pode significar fantasia, não pode significar engano, ilusão, ele tem que estar baseado numa perspectiva concreta e têm que existir, realmente, elementos de convicção, para que as pessoas acreditem naquilo que se está fazendo. Mas, tendo esses elementos, sendo, como somos, capazes de definir esses rumos, nós somos capazes também de ir palmilhando o caminho, de ir criando esse caminho, para que nós possamos evitar as dificuldades.

Tenho horror aos que vêm fazer previsão e vão dizer: “Ah, no ano que vem, não vão crescer.” Por que não vai crescer a economia? Vai crescer e vai crescer com a exportação! Vai crescer e vai crescer com a agricultura! Vai crescer e vai crescer com a construção civil! Vai crescer e vai crescer com a indústria de bens de capital e de equipamentos! Vai

crescer, porque nós, hoje, já temos capacidade tecnológica, porque nós já temos universidades, porque nós já temos gerentes, temos gente competente, temos gente que entende desse processo e que está motivada para seguir adiante nesse processo.

Quanto vai crescer? É adivinhação. O máximo que nós pudermos. E há um limite, que foi dito também pelo Doutor Pratiní: se começar a crescer numa taxa muito elevada, tem que crescer mais depressa ainda a exportação, porque esse é o limite. E nós vamos superar esse limite. Os senhores serão os responsáveis, e as senhoras também, pela superação desse limite.

Nós, Governo, vamos ajudá-los. O Banco Central vai fazer o que está fazendo: lutando firme para a defesa da nossa moeda. O Ministro da Fazenda vai estar coordenando o conjunto das atividades econômicas. O Ministro do Planejamento vai estar tomando as decisões necessárias para que os investimentos possam prosseguir e a infra-estrutura do Brasil cresça. O Ministro da Indústria e do Comércio vai estar ativo, vendo aquilo de que cada setor precisa.

Nós estamos juntos, somos dispostos, somos companheiros. Mas nada substitui a vontade, a decisão, a audácia, a competência, a coordenação e a capacidade de arriscar que o empresário tem. Nada substitui a existência de uma empresa que não seja fechada, que seja aberta, aberta aos seus empregados, que dê a eles participação nos lucros e nos resultados, que faça uma administração que seja compartilhada, que motive, que crie carreira, que, enfim, possa, realmente, estar radicada numa sociedade democrática, numa sociedade nova, que está sequiosa por mais bem-estar. E a responsabilidade de colaborar é nossa, Governo e empresários, para que esse bem-estar possa acontecer. E vai acontecer.

É com esse espírito, portanto, de muito otimismo e de muita confiança que quero dizer aos Senhores que vim aqui porque acredito que o Brasil será, também, não só a oitava economia do mundo, mas um grande país exportador, graças aos Senhores e às Senhoras. E vão contar com o Governo, vão contar com os Ministros e vão contar com aquilo que é mais importante: com o apoio do povo brasileiro, que hoje sabe que é preciso exportar para ter emprego, que é preciso crescer para ter

bem-estar, que é preciso ter desenvolvimento tecnológico para que possa competir e que, sem competição, tudo se estiola. E nós não temos medo da competição. Vamos a ela, com energia!

Muito obrigado aos Senhores e às Senhoras.